

**ANÁLISE DE UM CONTO DE RUBEM FONSECA
NUMA VISÃO FREUDIANA**

Cristiani Dália de Mello (UERR)
crisdaliamello@hotmail.com

A maioria dos escritores mantém uma relação muito subjetiva e intimista com a palavra, conseguindo transformá-la de uma maneira inusitada e capacitando os leitores a sentirem emoções diversas e próximas de seu cotidiano pelas leituras ficcionais. Há um deslizamento constante entre o dentro e o fora, o próprio e o alheio e entre o autor e o leitor. A arte tende a cada vez mais se misturar com a realidade, afastando-se dos procedimentos de ruptura e das negações radicais que supunham afirmações também radicais.

No texto literário, as formas de expressão artística também se modificaram e refletiram uma literatura impressa contaminada pela intertextualidade social, psicanalítica, filosófica e virtual. Assim é o escritor Rubem Fonseca que, por meio de uma linguagem insólita, rude e, às vezes, vulgar, traz a realidade em forma de leitura. Sua obra é reconhecida pela crítica justamente por este retrato fiel mixado com a ficção, construindo uma realidade social brasileira, atordoada com as máscaras dos “eus” vividos pelas personagens. Seus textos focalizam principalmente os cenários urbanos e as personagens que emergem desse contexto de vivências contemporâneas, por isso evidencia, em suas narrativas, temas relacionados à marginalidade, à violência e à sexualidade.

Segundo Vera Lúcia (2003), a literatura de Rubem Fonseca, no momento que lança um olhar de viés maldoso sobre o mundo, estimula o exercício da desconfiança, obrigando o leitor a pensar na contramão, e com isso, desafia a hipocrisia de uma sociedade que se caracteriza cada vez mais pelo consenso, obrigado pelas concepções da mídia. Portanto, ao optar por trabalhar com a proliferação de pontos de vista sobre um determinado assunto, além de buscar recursos fundamentados na teoria psicanalítica ou sociológica (mesmo que inconscientes), a ficção do autor abala os juízos estabelecidos.

O tratamento dado aos temas, ilustrados com casos do cotidiano, revela a intenção de levar o leitor a se contrapor à má consciência das interpretações ingenuamente humanitárias, a colocar-se acima dos preconceitos morais que balizam a mentalidade burguesa domesticada. (FIGUEIREDO, 2003)

O presente artigo focaliza o estudo de um conto “Viagem de Núpcias” da obra *Histórias de Amor*, de Rubem Fonseca, no contexto pós-moderno, tendo em vista as formas como são representadas as relações afetivas no cenário psicanalítico, em que a afetividade parece diluída ou, pelo menos, transformada. Essa história de amor caracteriza-se pelo estranhamento, por ser uma narrativa transgressora e nada convencional. O corpo aqui assume uma importância decisiva, nas suas mais profundas intimidades, tornando-se o último reduto de uma concretude da realização sexual.

“O corpo é uma grande razão, uma pluralidade dotada de sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor”. (Nietzsche)

O conto “Viagem de Núpcias”, proposto para análise se refere a uma história de amor, um amor cotidiano, um amor que só se faz real na presença de um Outro.

Traçando um resumo rápido do conto em questão, trata-se de um casal de jovens amigos, que depois de muito tempo convivendo como primos, para surpresa das famílias, se casa. Fonseca caracteriza nas personagens o estereótipo de um rico empresário (mimado) de uma poderosa família, um farrista e amante insaciável, que possui um apartamento no centro da cidade sempre cheio de mulheres, formado em Economia. Ela, uma discreta e virgem jovem que mora com seus pais, a autêntica “patricinha” intelectual, estudante de Filosofia. “Os dois moravam na casa dos pais. Adriana ainda era virgem – a virgindade estava na moda -, porém Maurício tinha uma vida sexual agitada, para um corretor da bolsa, e era proprietário de um apartamento na cidade, onde realizava seus encontros galantes.” (FONSECA, 1997, p. 35) Maurício continuaria os negócios do pai; e, reforçando o machismo ainda existente na sociedade, ele poderia ter quantas parceiras quisesse, pois Adriana era a mulher recatada, apaixonada, a chamada “moça de família”, feita para casar.

Um dia, não se sabe bem o que causou essa reviravolta, os dois informaram que estavam noivos e iam se casar dentro de seis meses. Era fácil entender a motivação da apaixonada Adriana; quanto a Maurício, aquela inesperada decisão talvez resultasse do fato de ele acreditar no que lhe diziam, que cedo ou tarde um homem tem que se casar, e de ele ter certeza que jamais iria encontrar outra mulher tão decente e digna como Adriana para ser sua esposa. (FONSECA, 1997, p. 36)

Logicamente que as famílias aprovaram a decisão dos dois, uma vez que a preocupação maior dos pais era a “infiltração” de outras pessoas que não pertencessem ao mesmo nível social: “(...) quem sabe um as-

tuto caçador de dotes ou uma dessas rastaqueras deslumbradas que frequentam as colunas sociais.” (FONSECA, 1997, p. 36)

Pode-se observar um modelo bastante comum na modernidade, em que a segurança das economias e classes sociais desempenha fatores primordiais nas escolhas dos sujeitos. Além disso, as representações sociais são reafirmadas na procura do algo sólido, a que possa se apegar.

Nesse interim, Maurício aproveita muito bem seus últimos meses de solteiro alternando entre os dias da semana, com diversas mulheres e, aos sábados, institucionalmente, os encontros com a noiva Adriana, sempre se despedindo cedo, para que ele pudesse, também nesses dias, encontrar-se com outras mulheres.

Apesar de terem tido uma grande festa de casamento, a viagem de núpcias para Paris teve que ser adiada em três meses, tendo em vista os compromissos de negócios de Maurício.

Na noite de núpcias, ele tem muito medo de perder a ereção, pois não se sente atraído sexualmente por sua legítima esposa. Com isso, ele pensa nas suas amantes e com uma ereção precária tira a virgindade da sua esposa no Copacabana Palace. Ela sente dor e nenhum prazer, porém não se manifesta. A relação é descrita por Fonseca como uma relação extremamente mecanizada, sem paixão e cheia de pudores:

“Deixa meu bem”, ele disse. “Apaga a luz” pediu Adriana timidamente. “Tira a roupa, meu amor, enquanto vou apanhar os copos na sala”. Ele pegou os copos, deixou a luz da sala acesa e voltou. Ela estava deitada imóvel na cama (...) (FONSECA, 1997, p. 38)

A personagem Maurício não sentia desejo por Adriana e tinha dificuldade de ter ereção com a esposa. Entretanto, ele possuía um método imaginário, ele pensava em outras mulheres e com muito esforço, cumpria seu dever de homem, sem se importar com as frustrações de sua esposa.

A vida rotineira se seguia e não se distanciava da de muitos casais na vida real. As relações sexuais eram sempre precárias e desestimulantes. Como o casal era muito rico e tinha condições de tentar fazer algo diferente, resolveram, durante uma segunda lua de mel, fazer uma excursão de aventura radical nos Estados Unidos. Um lugar em que pudessem ter um contato maior com a natureza.

Esta ligação do homem com a natureza configura um ambiente de paz e tranquilidade, trazendo à tona a questão do homem precisar retor-

nar às suas origens primitivas. “Disse que a comunhão com a natureza devia fazê-los mais felizes.” (FONSECA, 1997, p. 47).

E, assim, longe das tecnologias, da materialidade, Maurício tenta novamente fazer sexo com Adriana, pois se sentia frustrado em não sentir desejo pela esposa: “Como é que ele não conseguia se excitar com Adriana, uma pessoa que adorava e que possuía um corpo e um rosto mais bonitos do que o de qualquer outra mulher que conhecesse.” (FONSECA, 1997, p. 45)

Como eles estavam numa reserva florestal, tinham que ter muito cuidado com os dejetos. Todos usavam um banheiro comunitário no meio do mato, que, logicamente, não possuía descarga. Sentindo nojo daquelas condições sanitárias, Maurício segurava suas necessidades fisiológicas até o último segundo, mas, infelizmente, sentiu que não poderia esperar mais. Mesmo assim, ainda teve que esperar pelo banheiro portátil que naquele momento estava ocupado. E se surpreendeu quando viu que era sua delicada, branca e burguesa esposa que estava lá dentro deixando suas fezes onde não havia descarga. E Mauricio viu, boiando, num líquido azul do banho, os dejetos da sua mulher, lhe provocando náuseas. Não obstante, uma vez superado o mal estar, defecou no mesmo banheiro.

À noite beijou sua mulher por todo seu corpo sem pressa e com a devoção de um apaixonado marido em lua de mel, como se as fezes dela tivessem provocado seu instinto sexual.

Naquela noite Maurício entrou na barraca antes de Adriana. Ela ficou do lado de fora, olhando as estrelas. Maurício enfiou a cabeça para fora e perguntou, “você não vem deitar?”

Adriana entrou na barraca. Maurício tirou a roupa dela delicadamente, depois se desnudou também, feliz com sua virilidade latejante. (FONSECA, 1997, p. 55)

Contado nas palavras de Fonseca, a narrativa nos surpreende, com o episódio relatado acima.

Essa situação nos remete ao sadismo que vê prazer erótico nas secreções. Conforme descreve Vera Lúcia (2003)

Para que a relação sexual se realizasse plenamente foi necessário que o peso da cultura se atenuasse, permitindo a reintegração com a natureza, que o sexo pressupõe: a visão do excremento devolve à mulher a corporeidade roubada, apagada por uma imagem de perfeição e pureza.

O que se observa no conto “Viagem de Núpcias” é a desmitificação de um amor sempre bom e justo, capaz de levar o indivíduo à renúncia dos seus prazeres instintivos, a grandes desprendimentos.

Fábio Lucas, no ano de 1970 publicou um artigo no jornal *O Estadão*², chamado “Rubem Fonseca: O conto em questão”, e concluiu a respeito do assunto: “Cada conto de Rubem Fonseca reflete mais do que a crise da sociedade: traz a crise do *eu* na sociedade. Daí, tanta caricatura unidimensional, tantos caracteres cindidos, tanta esperança esmagada.”

Como podemos observar o inconsciente não existe só nas teorias de Freud, podemos observá-lo claramente nas obras literárias, que buscam pela realidade observada as diversas situações em que o ser humano vive.

O fato aqui apresentado nos mostra uma dificuldade de relacionamento sexual vindo de um homem viril, o qual só consegue relacionar-se com mulheres “fáceis”, ou como é dito no conto “... as mulheres provinham de várias fontes, algumas ele já conhecia, outras não; algumas tinham uma profissão, outras eram estudantes, outras não faziam coisa alguma...” (p. 36), em resumo, mulheres não virgens. A essas mulheres não poderia atribuir-lhes o título de prostitutas, pois não recebiam pelo prazer; o personagem Maurício que oferecia presentes em troca do sexo.

Já que o texto tematiza a disfunção sexual, recorremos a Freud para teorizar sobre isso. Segundo ele, a função sexual está sujeita a um grande número de perturbações, a maioria das quais exibe as características de inibições simples. Estas são classificadas em conjunto como impotência psíquica. O desempenho normal da função sexual só pode ocorrer como resultado de um processo muito complicado, podendo surgir distúrbios em qualquer ponto do mesmo. Nos homens, as principais fases nas quais a inibição ocorre são reveladas por: um afastamento da libido no próprio início do processo (desprazer psíquico); isso poderia ser visualizado em Maurício, quando, em lua de mel, suave, apesar do ar condicionado; ausência do preparo físico para ela (falta de ereção); a esposa de Maurício não lhe causava ereção, ele tinha que se recordar das outras mulheres para conseguir uma ereção; abreviação do ato sexual (*ejaculatio praecox*), o que também se pode observar pelo texto, devido à necessidade de se terminar o ato, já podendo ser considerada esta ocorrência como um sintoma; uma suspensão do ato antes de haver chegado à sua conclusão natural (ausência de ejaculação); ou o não surgimento do resultado psíquico (falta da sensação de prazer no orgasmo). A partir da

função sexual, surgem outras perturbações que se tornam dependentes de condições especiais de natureza pervertida ou fetichista. Em todas as relações que Maurício mantinha com Adriana, ele recorria às lembranças das outras.

Freud observou também que as perturbações da função sexual são acarretadas por grande variedade de meios. (1) A libido pode simplesmente ser afastada (isto parece produzir, com a maior rapidez, o que consideramos uma inibição pura e simples); (2) a função pode ser executada de forma menos perfeita; (3) pode ser prejudicada por ter condições ligadas a ela, ou modificada pelo desvio para outras finalidades; (4) pode ser impedida por medidas de segurança; (5) se não puder ser impedida desde o início, pode ser imediatamente interrompida pelo aparecimento da ansiedade; e (6) se for, não obstante, levada a efeito, poderá haver uma subsequente reação de protesto contra ela e uma tentativa de desfazer o que foi feito.

Considerando os princípios do prazer e desprazer, devemos considerar a atitude de Maurício em relação à esposa um desprazer; reconhecendo o sintoma como aquele que denuncia o sujeito, expressão máxima de sua capacidade de ser e existir, poder-se-ia interrogar: como situar esse sujeito-angústia fadado a manter um pacto íntimo de sofrimento declarado por meio do sintoma por não suportar enfrentar o velado, o não-dito de seu desejo?. Ao pensar na mulher, linda, virgem, esta lembrança do prazer produz um desprazer.

Voltando para o inconsciente de Freud, pode-se explicar este desejo proibido da personagem Maurício, o de ele não se satisfazer com a mulher idealizada, como uma neurose. Assim, o inconsciente se configura como um saber não sabido pelo sujeito, cujo funcionamento obedece a suas próprias leis que não coincidem com as leis da lógica consciente. A grande maioria de pensamentos e desejos reprimidos referia-se a conflitos de ordem sexual, localizados nos primeiros anos de vida dos indivíduos, isto é, na vida infantil estavam as experiências de caráter traumático, reprimidas, que se configuravam como origem dos sintomas atuais e, confirmava-se, desta forma, que as ocorrências deste período de vida deixam marcas profundas na estruturação da personalidade.

Na neurose, o sujeito retira o investimento da libido no objeto da realidade e investe o objeto da fantasia. Adriana representa o objeto da realidade, mas intocável e as outras mulheres, o objeto da fantasia.

O que determina a formação dos sintomas é a realidade, não da experiência, mas do pensamento. Os neuróticos vivem um mundo à parte, onde, somente a 'moeda neurótica' é moeda corrente, isto é, eles são afetados apenas pelo que é pensado com intensidade e imaginado com emoção, ao passo que a concordância com a realidade externa não tem importância. (FREUD, 1913, p. 97)

Maurício sente-se preso, vítima de suas próprias suposições imaginárias, afastando-se da possibilidade de um relacionamento único, satisfatório e propondo-se a aproximar-se apenas de mulheres que lhe mentem a satisfação – as prostitutas. Ele passa a viver uma nostalgia da condição social de ser machista e, incapacitado de renunciar a este estereótipo de homem da sociedade vigente, consegue ter prazer apenas com as prostitutas, únicas fingidas, que vagabundas, não ousariam reclamar de sua inabilidade sexual. A esposa, antes virgem, representa uma ameaça difícil de ser superada, daí o amor que se fazia platônico.

O recalque incide sobre a representação do trauma e o afeto é deslocado para uma ideia substitutiva. Deste modo o sujeito obsessivo é atormentado pela autorrecriminação sobre fatos aparentemente fúteis e irrelevantes. É o que acontece com Maurício quando ele depara com as fezes de Adriana. Aquela normalidade fisiológica conseguiu despertá-lo para a concretude de Adriana, deixando de visualizá-la como algo intocável, ou uma deusa. Assim, as fezes tornaram-se um signo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follaiin de. *Os crimes do texto*: Rubem Fonseca e a ficção contemporânea. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

FONSECA, Rubem. *Histórias de amor*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

FREUD, S. Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In: _____. *Edição standard brasileira das obras completas*, vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1909.

_____. Sobre o início do tratamento. Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1913.

_____. *Obras completas*, v. XIV, (1914-1916). Buenos Aires: Amorrortu, 1995.